

# Mais Urgente do que a Ética

Não obstante o pendor ético da cultura ocidental, a história desta regista momentos em que a ética foi esquecida ou, pelo menos, secundarizada, relativamente a outros saberes. Para a persistência da ética, esta teria que ser plasmada pelos modelos científicos, onde, para manter as suas finalidades, não era susceptível de ser enquadrada. A prosperidade de outras ciências possíveis, substituiu-a.

Perante os desmandos suicidários de uma civilização ornamentada com rutilantes estrelas científicas, que agravaram a já de per si inaceitável situação de guerra - aliás duas e mundiais -, sentiu-se a necessidade ou de voltar à ética ou de encontrar um sucedâneo, que não fosse o da ciência.

Os espíritos de exigência filosófica, continuando embora, a sentirem-se possuídos pelo complexo anti-ética, experimentavam esta pela sua ausência, sendo conduzidos a outro expediente de substituição que não passaria já pela ciência. A axiologia foi assim ocupando o lugar da ética, marcando ainda hoje os aparelhos disciplinares das escolas.

O trepidar da existência, porém, não se conformava com os requintes formais da axiologia, reclamando novamente a ética. Hoje, quase não há uma instituição, sobretudo nos lugares de risco, onde não haja uma referência à ética, frequentemente até polarizada numa comissão.

Neste contexto descomandado, a ética é mais do que isso, substituiu a religião,

representando uma tábua de salvação, num clima onde pouco se pensa e, muito menos, se afere a consistência dos princípios éticos.

À expulsão da ética dos caminhos da existência e à sua substituição pela ciência e a técnica, seguiu-se o regresso angustiado da ética. É de recear que um terceiro passo se aproxime, o da decepção perante a ineficácia da ética, a que desesperadamente se recorre.

O esquema epistemológico do momento - **ciência + ética** -, além de se processar artificialmente, parece inconsistente. E no entanto, o estado em que se encontra a nossa cultura não passa nem sem a ciência nem sem a ética.

A tarefa que se nos impõe parece ser indeclinável: não aceitar o dualismo **ciência + ética** e fazer dele o ponto de partida, mas antes, enraizar em instâncias de unidade, tanto a ciência como a ética. Não vale a pena rotular a instância para que se tende, sendo mais importante do que isso encontrá-la e dar-lhe acolhimento afável nos gostos da cultura.

A Universidade, que contribuiu para a perda da ética e para a sua substituição pela ciência, tem agora uma boa oportunidade de se redimir desse equívoco, aproximando-se da vida, compreendendo a angústia daqueles que gritam pela ética e colaborando na elaboração de um saber de onde possam emergir alimentadas pelas mesmas raízes, ciência e ética.

*Joaquim Cerqueira Gonçalves*